A insondável decisão do ser e o tempo

Ana Laura Prates

A concepção de constituição do sujeito elaborada por Lacan exige a noção de ato. O sentido da palavra constituição, tal como a encontramos dicionarizada, inclui a idéia de ato: "ato, processo ou efeito de constituir". Entre os vários sentidos do verbo constituir, há: "formar-se, criar-se, representar, tornar-se, aparecer aos olhos de muitos como, nomear, eleger, julgar-se na condição de, arvorar-se"[1]. O sujeito se constitui articulado à sua causa positivada na fantasia como mais-de-gozar – tentativa de calcular um resgate do objeto perdido no encontro traumático com o desejo enigmático da mãe.

[1] Houaiss. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001, p. 813).

Nesses termos, a teoria lacaniana do sujeito exige uma formalização sobre o ato e também uma nova forma de pensar a temporalidade. Retomemos, então, a questão do impasse da constituição subjetiva – o impasse do *infans* – pelo viés do tempo, já que é exatamente a idéia de uma continuidade temporal que a psicanálise questiona à luz de sua concepção de sujeito.

A questão da antecipação, ou seja, de algo que ocorre *antes* da maturação biológica está presente desde o início do pensamento de Lacan, e será fundamental para a elaboração do conceito de sujeito do inconsciente. Essa idéia foi amplamente defendida nos textos da década de 1940, como *Formulações sobre a causalidade psíquica* (1946) e *A agressividade em psicanálise* (1948), e se apresentou de modo explícito no texto *O estádio do espelho como formador da função do eu* (1949). O ponto a ser analisado aqui é o da passagem do *infans* para o que Lacan denomina "função de sujeito". Vejamos como ele formula essa passagem:

> Esse desenvolvimento é vivido como uma dialética temporal que projeta decisivamente na história a formação do indivíduo: *o* estádio do espelho *é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação* – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos ortopédica – e para a armadura assim assumida de *uma identidade alienante, que*

marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental.[2]

Esse momento de antecipação de uma certeza constituindo um sujeito é chamado por Lacan, no texto *A agressividade em psicanálise*, de "encruzilhada estrutural". Ora, é na década de 1950 que essa "encruzilhada estrutural" se formaliza em termos da tese da primazia do significante e da ordem simbólica. A referida precipitação subjetiva da insuficiência à antecipação exige a formalização a respeito da *matriz simbólica*, mais precisamente elaborada por Lacan no famoso *Seminário sobre "A carta roubada"*. Nesse texto, valendo-se do conto de Edgar Alain Poe, ele procura demonstrar sua tese de que "é a ordem simbólica que é constituinte para o sujeito, (...) a determinação fundamental que o sujeito recebe do percurso de um significante"[3].

Trata-se, portanto, de formalizar a "estrutura da determinação" ou, em outras palavras, a necessidade de articular a determinação significante, de modo a não recair em um outro determinismo lingüístico. Se a estruturação do sujeito fosse única e exclusivamente determinada pela sucessão diacrônica, excluiria o sujeito do ato que o constitui; excluiria, desse modo, o *algo de si*.

A implicação do ato na sujeição humana às condições do simbólico está presente desde o texto de Freud *Introdução ao narcisismo*, de 1914. Sabemos que a escrita desse texto marca uma virada fundamental em sua obra, implicando um deslocamento da dualidade pulsional, até então pensada como pulsões de auto-conservação *versus* pulsão erótica, para uma polarização entre pulsões do eu e pulsões objetais. Essa virada leva a uma série de remanejamentos teóricos e clínicos que incluem a teoria sobre a identificação e a questão da escolha de objeto. O fundamental para a questão de que estamos tratando, todavia, é a idéia de que o eu humano precisa se constituir para que possa ser investido libidinalmente. Essa pressuposição lógica está explicitada em Freud na seguinte passagem: "A hipótese de que no indivíduo não existe, desde o início, uma unidade comparável ao *eu* é absolutamente necessária. O *eu* tem de ser desenvolvido. Ao contrário, as pulsões autoeróticas são primordiais. *Para constituir o narcisismo, deve-se agregar ao autoerotismo algum outro elemento, um novo ato psíquico*"[4].

A formalização do *ato psíquico* realizado pelo sujeito no momento de sua constituição, com implicações decisivas inclusive no que se refere à modalidade estrutural de sua relação com a linguagem, só pode ser pensada, como já afirmamos, com base

[2] Lacan. O estádio do espelho como formador da função do eu (1949/1998, p. 100, grifos meus).

[3] Lacan. Seminário sobre "A carta roubada" (1965/1998, p. 14).

[4] Freud. Introducción al narcisismo (1914b/1981, p. 2019).

em uma formalização do tempo diversa daquela que se refere apenas à sucessão cronológica. Em *Recordar, repetir, elaborar*, texto também de 1914, Freud diz que algumas lembranças só podem ser compreendidas *a posteriori* (*Nachträglichkeit*). O tempo, assim, é só-depois, *aprés-coup*. As reformulações conceituais operadas por Lacan, ao retomar esse conceito freudiano, atingem de modo irreversível, por exemplo, uma das idéias mais caras à clínica kleiniana: a regressão. Em outras palavras, Lacan retoma o conceito de retroação para contrapô-lo, precisamente, a essa idéia de regressão com que a escola inglesa opera. Assim, propõe a idéia da retroação contra as "exigências do passado temporal".

Com efeito, a idéia de uma antecipação (S_1) que só pode ser significada depois (S_2) é fundamental para a sustentação da tese *princeps* de Lacan de que "o significante é o que representa o sujeito para outro significante". Só há possibilidade de acompanhar a idéia de um sujeito a um só tempo insuficiente e antecipado, determinado e determinante – e que só tem acesso ao seu ato fundante *a posteriori* (*Nachträglich*), quando este já está perdido –, se levarmos em conta a "asserção da certeza antecipada".

A concepção de tempo lógico de Lacan foi apresentada no texto *O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada*, de 1945. Partindo de um sofisma, apresenta-se um enigma que só pode ser solucionado por meio de escansões que produzem uma temporalidade lógica.

Com esse sofisma, Lacan propõe que, a partir das duas escansões, três tempos se delimitam: o instante de ver, o tempo para compreender e o momento de concluir. O instante de ver é simultâneo ao tempo para compreender, só se separando desse pela primeira escansão; por sua vez, o momento de concluir é simultâneo ao ato. Se o tempo de compreender, necessário, não pode ser atravessado, cristaliza-se justamente no atributo ignorado do sujeito. Trata-se da pura reciprocidade fazendo com que o sujeito permaneça com a conclusão errada, aprisionado no imaginário.

Urgência e ato são elementos indissociáveis dessa escolha forçada entre o ser e o sentido, na qual, segundo Lacan, o *fator letal* da alienação faz parir (*separare*), ou seja, engendra um sujeito. Trata-se, pois, de extrair as conseqüências dessa urgência, traduzida em um ato de conclusão, para a concepção de sujeito com a qual operamos em psicanálise. O tempo de compreender, nesse sentido, é um tempo que só se produz *a posteriori*, ou seja, a partir da própria conclusão. Estendê-lo indefinidamente não deixa de ser também uma decisão que pode levar o sujeito, no

caso do sofisma, a permanecer aprisionado. *Desde muito cedo*, pois a suspensão do ato já é, em si, uma decisão.

Com efeito, o conceito de *forclusion*, utilizado por Lacan para designar o termo freudiano *Verwerfung*, característico, segundo ele, da estrutura psicótica, implica forçosamente a noção de tempo. O *Dicionário de Psicanálise*, de Elizabeth Roudinesco e Michel Plon, afirma que esse termo foi proposto inicialmente por Édouard Pichon em 1928, no artigo *Sobre a significação psicológica da negação em francês*, ao tomar de empréstimo do discurso jurídico o adjetivo "forclusivo", que se refere a um direito *não exercido no momento oportuno*.[5] Como diz Lacan em *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*:

> seja qual for a identificação pela qual o sujeito assumiu o desejo da mãe, ela desencadeia, por ser abalada, a dissolução do tripé imaginário. (...) Sem dúvida, a adivinhação do inconsciente adverte o sujeito *desde muito cedo* de que, na impossibilidade de ser o falo que falta à mãe, resta-lhe a solução de ser a mulher que falta aos homens.[6]

Quando Lacan avança no sentido de uma formalização topológica e articula o próprio conceito de significante à noção de corte, torna-se ainda mais evidente a articulação dos três tempos que se delimitam *Nachträglich*, a partir da duplicação do corte (escansões) na estrutura, revelando uma sincronia já pressentida na idéia de antecipação. Veja-se o que ele diz a respeito em *O Seminário – livro 9: A identificação*:

> A interrupção no sucessivo faz parte da estrutura. Essa dimensão temporal faz parte do funcionamento da cadeia significante, que articulei primeiramente para vocês como sucessão. Tem como conseqüência o fato de que a escansão introduz um elemento a mais, além da divisão, da interrupção modulatória. *Ela introduz a pressa, que eu inseri como pressa lógica* [...]. O passo que tento fazê-los dar já começou a ser traçado, é aquele no qual se enlaça a descontinuidade com o que é a essência do significante, a saber, a diferença. A diferença está no corte.[7]

[5] Roudinesco e Plon. *Dicionário de Psicanálise* (1998). No dicionário Houaiss, encontramos: "privação de uma faculdade ou de um direito por não executá-los no tempo devido" (2001, p. 1371).

[6] Lacan. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1958/1998, p. 572).

[7] Lacan. *O seminário – livro 9: A identificação* (1961-2) (Inédito, aula de 16 de maio de 1962).

Em vários momentos de seu ensino, pode-se acompanhar a ênfase na "pressa lógica" da estrutura, que define *a priori* os momentos subseqüentes. Essa concepção é fundamental para encaminharmos um ponto delicado que freqüentemente se presta a mal-entendidos: a antecipação exigida pelo encontro marcado que impõe uma escolha forçada entre o ser e o sentido – escolha essa fundante do sujeito em sua excentricidade lógica com a causa de seu desejo – determina a entrada na estrutura e a modalidade da relação do sujeito com o significante. O determinismo estrutural, nesse sentido, é minimalista, uma vez que, por um lado, "aprisiona" o sujeito em uma certa relação com a linguagem – já que não há como um ser humano estar fora desse mínimo, seja qual for sua estrutura clínica –, por outro, há uma "margem de liberdade" bastante ampla na estrutura para que o sujeito possa tomar suas decisões e fazer suas "escolhas" a partir das contingências e vicissitudes do que costumamos chamar de história.

Evidentemente, não se trata de dizer que desde que o traço se inscreveu no ser vivo, provocando a extração do objeto *a* do campo do Outro, o assujeitamento ao intervalo significante e a recuperação da perda de gozo provocada por essa operação no nível da fantasia inconsciente, todo seu destino já está definido e toda sua história, escrita.

A "decisão fundante", desse modo, gera a série contingencial que escreverá, a cada momento, o destino do sujeito, valendo-se do que Lacan chamou de "voltas da demanda", sendo que, a cada momento crucial do sujeito, ele encontrará o real que o causou: "A castração se encontra inscrita como relação ao limite desse ciclo regressivo da demanda. É isso que se trata de compreender topologicamente". Ou, como afirma em *O Seminário – livro 10: A angústia*:

> A fantasia, o $ em relação ao *a*, adquire aqui o valor significante da entrada do sujeito na dimensão que o leva à cadeia infinita de significações a que se chama destino. Podemos escapar dela indefinidamente, mas o que se trataria de encontrar é justamente o começo – como é que o sujeito entrou nessa história de significante?[8]

[8] Lacan. *O seminário – livro 10: A angústia* (1962-1963/2005, p. 78-79).

Curiosamente, embora Lacan sempre se refira à determinação – já que o sujeito não pode ser causa de si mesmo –, é igualmente incisivo quanto às "escolhas" e "decisões" do sujeito.

No *Seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, todavia, ele diz que "o sujeito está condenado": "A alienação consiste nesse *vel* que condena o sujeito a só aparecer nessa divisão (...), que se ele aparece de um lado como sentido, produzido pelo significante, de outro ele aparece como *afânise*"[9].

Quanto a esse ponto, Colette Soler alerta:

> *A alienação é o destino. Nenhum sujeito falante pode evitar a alienação.* É um destino ligado à fala. Mas *a separação não é destino.* A separação é algo que pode ou não estar presente, e aqui Lacan evoca um *velle*, em francês um *vouloir*, em inglês *a want*, um querer. Isso é muito semelhante a uma ação pelo sujeito. *A separação requer que o sujeito "queira" se separar da cadeia significante.*[10]

No livro *O desejo do psicanalista: liberdade e determinação em psicanálise*, Diana Rabinovich desenvolve uma extensa discussão sobre essa questão, em que novamente aponta para o jogo etimológico realizado por Lacan com o termo *separare*, que remete a engendrar-se, mas também a *pars*, ou seja, a parte, o objeto. Assim, se a liberdade que está em jogo na alienação é a liberdade do "desaparecimento" (da morte), o querer que se encontra do lado da separação é da ordem do desejo do desejo do Outro: "pode o Outro me perder?"

Assim, segundo Rabinovich, a ética da psicanálise não pode ser de modo algum confundida com o determinismo absoluto do estoicismo ou do cristianismo. Ainda em relação à ênfase na decisão do sujeito, ela assinala a predominância em Lacan da função da "perda buscada" em contraponto ao luto, já que é o sujeito quem "cede" o objeto *a*.

A meta da psicanálise, então, "é que o sujeito obtenha certa margem de liberdade em relação ao lugar que ocupou como objeto do desejo como desejo do Outro"[11].

É nesse sentido que a psicanálise, ao operar com a fantasia, possibilita que o sujeito assuma um "desejo decidido" e "se vire" com seu sintoma. A fantasia, por ser uma construção do sujeito, pode ser atravessada em uma análise, assim que o objeto *a* cumpra, finalmente, sua função de causa do desejo. Como diz Lacan: "A fantasia constitui o enquadre da realidade: isso é aí evidente! E seria também impossível de deslocar, *não fosse a margem deixada pela possibilidade de exteriorização do objeto a*"[12].

[9] Lacan. *O seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1988, p. 199).

[10] Soler. O sujeito e o Outro II (1997, p. 62).

[11] Rabinovich. *O desejo do psicanalista: liberdade e determinação em psicanálise* (2000, p. 145).

[12] Lacan. *O seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1998).

referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. (1895). Estudios sobre la histeria. In: *Obras Completas de Sigmund Freud.* Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. Tomo II.

FREUD, Sigmund. (1914). Recuerdo, repeticíon y elaboración. In: *Obras Completas de Sigmund Freud.* Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. Tomo II.

FREUD, Sigmund. (1914). Introducción al narcisismo. In: *Obras Completas de Sigmund Freud.* Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. Tomo II.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LACAN, Jacques. (1945). O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1946). Formulações sobre a causalidade psíquica. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1948). A agressividade em psicanálise. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1956). O Seminário sobre "A carta roubada". In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1958). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 9: A identificação* (1961-2). Inédito. Tradução não estabelecida oficialmente de Ivan Corrêa e Marcos Bagno. Centro de Estudos Freudianos: Recife, 2003.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 10: A angústia* (1962-3). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais de psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

ROUDINESCO, Elisabeth & PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

RABINOVICH, Diana. *O desejo do psicanalista: liberdade e determinação em psicanálise.* Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

SOLER, Colette. O sujeito e o Outro II. In: FELDSTEIN, Richard; FINK, Bruce & JAANUS, Maire. *Para ler o Seminário 11 de Lacan.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

resumo

Este trabalho aborda a questão da determinação significante do sujeito do inconsciente, bem como o ato de decisão desse sujeito em sua entrada na estrutura, articulando esses dois movimentos de causação do sujeito ao conceito lacaniano de tempo lógico e sua formalização da noção freudiana de retroação. As idéias de antecipação (S_1) e *a posteriori* (S_2) são articuladas, topologicamente, à margem de liberdade que a estrutura, a partir do corte, oferece ao sujeito para que ele possa construir um desejo decidido em resposta ao destino.

palavras-chave

constituição do sujeito, ato psíquico, determinação, tempo lógico

abstract

This paper approaches the question of the signifier determination of the subject of the unconscious, as well as the act of decision of this subject in his entry in the structure, articulating these two movements of causation of the subject to the concept of logical time in Lacan, which formalizes the Freudian notion of retroaction. The ideas of anticipation (S_1) e of *a posteriori* (S_2) are articulated, topologically, on the liberty that the structure, from the cut, offers to the subject for him to be able to build a decided desire in response to destiny.

key words

constitution of the subject, psychic act, determination, logical time.

recebido
04/03/2006

aprovado
27/03/2006